



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

**COMISSÃO DE POLÍTICA URBANA, METROPOLITANA E MEIO
AMBIENTE**

PRESIDENTE: DALTON SILVANO

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA

LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo

DATA: 05-06-19

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Manifestação fora do microfone

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Boa noite a todos. Obrigado pelas presenças. Nem sempre é uma tradição da Casa realizar audiências públicas que não estão inseridas dentro de processos legislativos, projetos de lei e projetos de resolução, mas o tema calçadas me provoca há um bom tempo. Então, eu fiz questão de - depois de uma visita que fiz, a um esforço que a sociedade paulistana inteira faz, porque queiram ou não queiram, os investimentos que foram realizados naquele território advêm de um grande esforço da Cidade, reconhecendo que a operação urbana nasce para promover o desenvolvimento e, ao promover o desenvolvimento, captura recursos que são da Cidade, e acaba investindo por lá - construir uma audiência pública que tivesse a oportunidade de a gente apresentar os avanços e hipotéticos deslizes e escorregões.

Então, declaro abertos os trabalhos desta oitava audiência pública da Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente no ano de 2019.

Informo que esta reunião está sendo transmitida, ao vivo, por meio do portal da Câmara Municipal, no endereço www.saopaulo.sp.leg.br, no *link* Auditórios OnLine. A íntegra da transcrição desta audiência está disponível ao público em geral também no portal Câmara, da mesma forma que áudio e vídeo também estarão lá disponíveis.

Quero agradecer ao nosso intérprete de Libras, que aqui nos acompanha e tem sido uma prática da Casa. Muito obrigado pela sua presença.

Lembro que nós convidamos autoridades públicas e da sociedade. Aqui faço questão de compor a mesa, a partir das confirmações que tivemos. Vou chamar para compor a mesa junto com a gente o Sr. Marcos Augusto Mesquita Coelho, Diretor de Relações Institucionais da Enel São Paulo. Para ser justo, agradeço também aos Srs. Edgar de Washington Mateus e Kleber Boldarini, os nossos dois intérpretes, que nos ajudarão a dialogar com todos. Chamo também para compor a mesa os Srs. Adalberto Bueno, que representa a Associação Colméia, associação que foi precursora nos debates de como a gente poderia ter calçadas mais inteligentes no território, e João Moura, que representa a Telecom, Associação Brasileira das Prestadoras de Serviço de Telecomunicações.

Nós estamos esperando só a chegada do Sr. Fernando Alfredo da Silva, que é chefe de gabinete da Subprefeitura de Pinheiros. Eu pergunto se há alguma representação de Convias. (Pausa) Não. Há alguma representação da Secretaria Municipal de Infraestrutura e Obras? (Pausa) Também não. Há alguma representação da Secretaria Municipal das Subprefeituras? (Pausa) Também não.

Então, vamos adiante. Eu farei uma apresentação inicial para contextualizar o esforço que a Comissão de Política Urbana pretende realizar no debate da infraestrutura que a cidade tem. Aí vamos abordar exclusivamente um território, a Vila Olímpia, no dia de hoje, mas, na realidade, vamos contextualizar a oferta estrutural para o modal que, na cidade de São Paulo, transporta mais pessoas. Então, só passo um número importante: Nas calçadas de São Paulo, passa um terço de toda a circulação. Então, se a gente fosse imaginar o que representam as vias que servem aos carros, se a gente fosse imaginar o que está sendo transportado de metrô, de trem, em todos os nossos ônibus e aqueles que estão nos carros individuais, sozinhas as nossas calçadas representam mais, em média, na circulação diária do que individualmente todos os outros modais.

Portanto aquela história de dizer que todos somos pedestres não é só para propaganda na tevê, nós somos realmente todos pedestres. Só que um terço desses pedestres circulam exclusivamente a pé, um terço da população só se desloca a pé; todos os outros têm um trecho a pé realizado para acessar algum lugar.

A partir daí a gente começa a entender a importância das calçadas, e eu vou fazer um brevíssimo relato de onde começou essa discussão dentro da Comissão de Política Urbana. Ainda não era Enel, era AES Eletropaulo, mas ela começa quando a Prefeitura, em agosto de 2017, anuncia um programa em parceria com a AES Eletropaulo para aterramento dos fios. Na época, esse programa foi chamado de Cidade Linda. Era a rede de aterramento dos fios dentro de um programa do Prefeito Doria chamado Cidade Linda.

Ele apresentava uma sequência de fases que seria cumprida pela autoridade pública em parceria com as concessionárias. Ele trouxe a primeira fase na região central e a

segunda fase na Vila Olímpia. A primeira fase anunciando um conjunto de 117 vias, perfazendo 52 km de extensão. No caso da Vila Olímpia, um volume menor, mas não menos importante: 4,2 km de fios, 6 km de fios de rede de telefonia, 321 postes a serem retirados, num investimento de aproximadamente 21,5 milhões de reais.

É em cima dele que eu vou querer discutir, até porque...

Volta só um pouquinho para a gente mostrar.

Naquele momento se apresentavam prazos de setembro de 2017 com término em julho de 2018. Terceira fase é a região do Mercado Municipal. Essa imagem é a imagem do lançamento do Cidade Linda redes aéreas. E a gente traz aqui as matérias consequentes ao anúncio importante feito pelo Prefeito.

No dia 11/4/2018 eu fiz questão de trazer à nossa comissão um pedido de informação ao Executivo para entender quais eram esses projetos, qual o mecanismo de financiamento, até porque a gente tem legislação que permite abatimento de até 30% de impostos para subsidiar esse investimento que venha a ser feito, legislação esta ainda do período da Prefeita Marta. Então eu estava tentando entender, via Comissão de Política Urbana, de onde viriam os recursos, como esse esforço feito pela sociedade para qualificar o sistema de circulação a pé, à medida que cada poste que se tira garante uma calçada muito mais acessível. Então a gente fez um requerimento de informações no dia 11/4/2018, mas infelizmente até hoje, 5/6/2019, a administração municipal não conseguiu nos responder. Talvez a gente tenha feito algumas perguntas que a administração não conseguiu a resposta e aí preferiu não responder nada a responder aquilo que ela já tinha a hipotética informação.

Isso foi um dos motivos que nos levou a convidar todos para conseguir contar como que está sendo feito, para ajustar informações a oportunidades, enxergando que a Cidade inteira gostaria de ser hoje a Vila Olímpia com aterramento, mas muitas vezes, quando a gente vai ver o resultado do trabalho diz o seguinte: Muita gente quer ser, mas muita gente, depois que vê o resultado, fala: “Estou preferindo continuar com poste, se a entrega do resultado talvez seja essa”. Então aqui a gente também tem que juntar esforços para que o resultado do

nosso esforço seja um aplauso de todos.

Eu vou passar alguns vídeos que eu colhi pessoalmente numa última visita que fiz ao território, para a gente um pouco contextualizar, àqueles que não conhecem as ruas da Vila Olímpia, como elas vêm sendo tratadas.

Aqui a gente está mostrando um pouquinho a área verde que as calçadas tinham, que passaram a ser o abrigo das caixas de inspeção.

A primeira coisa que nos assustou foi o não compartilhamento das caixas. Então a gente tem uma caixa com uma assinatura. E aí pude contar umas dez, 12 assinaturas nessas caixas. E me surpreendeu, do ponto de vista, inclusive, da logística. Tentar compreender se a gente não tinha uma outra fórmula de fazer isso que garantisse uma caixa para mais de uma, que não fossem as 12 numa só. Mas uma caixa para cada uma me parecia algo, até do ponto de vista da inteligência da obra, algo difícil de entender. A segunda é perder todo um trabalho que foi feito de ter áreas verdes mínimas em um território que vem sendo intensamente impermeabilizado. Depois, a dinâmica de distribuição das caixas, que foi impedindo, inclusive, que a gente tivesse os acessos nas esquinas para que a guia rebaixada. Então eu fiz questão, e deixo isso disponível para vocês, dentro dessa preocupação do que a gente está de fato entregando depois de uma nova intervenção.

As calçadas da Vila Olímpia, até porque lá está de fato uma operação urbana, tinham uma mínima qualidade. A gente não pode dizer que eram as melhores calçadas; mas elas estavam, sem dúvida nenhuma, entre as melhores calçadas da cidade. E depois da intervenção a gente pode dizer que elas, hoje, estão bem mais longe de estar próximas das boas calçadas da cidade – o que, na minha opinião, é um prejuízo tanto para o bairro como para a própria marca que está estampada em cada uma das caixas. Isso porque a caixa que sinaliza a empresa, seja Vivo, seja Claro, acaba anunciando para a cidade uma baixa preocupação com o resultado da implantação. E tenho certeza que nenhuma das empresas que têm o seu nome numa caixa mal instalada, e, portanto, acaba carregando uma crítica, e não um elogio, na intervenção, está contente com isso. Tenho certeza de que não era esse o

espírito da parceria, nem das empresas, muito menos da autoridade pública.

O que a gente fez foi realizar um novo requerimento, um ano depois da tentativa de obter informações. Então a primeira fase era obtenção pura de informações, saber quais eram os contratos, quais eram os projetos e como isso iria ser realizado. Como a gente não conseguiu, a gente fez um segundo movimento. Esta audiência, que a gente, parece, conseguiu trazer parte dos responsáveis pela parceria e pela execução para dar o segundo passo. Precisamos realizar ajustes? Sem dúvida. Onde estão os ajustes? Onde a autoridade pública está sendo ineficiente? Onde o executor privado não está conseguindo ter competência para que, de fato, as calçadas revelem mais do que elas têm revelado nas ruas daquele território.

Então era dentro desta abertura que eu queria apresentar a nossa audiência pública. Ela não tem o desejo nem de acusar ninguém, mas a gente precisa encontrar os caminhos para que o investimento que já foi feito naquele território não seja perdido, muito menos perder o investimento que as empresas estão fazendo naquele território. Pode até ser que o órgão contratado, a empresa contratada para fazer a execução, não está dando a resposta que as empresas assim desejam. Mas me parece que a gente tem um problema. E quando a gente tem um problema, a melhor forma é nos reunirmos para encontrar soluções para os problemas que foram gerados.

Eu quero fazer uma sugestão de rotina para a nossa audiência pública. Ela é uma audiência que é diferente daquelas que têm um projeto a ser defendido: 20 minutos para a apresentação, 3 minutos para arguições. Eu queria dar o tempo necessário, tanto para a Enel, que começa o processo, como para a Associação que comanda as empresas, ou associa as empresas que têm as suas marcas estampadas nas caixas – acredito que aquelas sejam caixas de inspeção. E, depois, a Associação Colméia, porque tem sito uma guardiã de como a gente pode ter, de fato, uma organização de território a partir das empresas que estão lá. E depois a gente abre para contribuição da sociedade. Quem sabe, a gente chega a boas informações, que, quem sabe, a gente possa levar para o Executivo, visto que, infelizmente, a

gente não conseguiu trazer nem a Secretaria de Subprefeituras, nem a Secretaria de Infraestrutura, nem a Convias, que se relacionam diretamente com o tema que estamos aqui tratando. Mas, de qualquer maneira, como parte do que está acontecendo lá está na mão de vocês, acho que a gente pode reunir os esforços aqui. Então, começo com a Enel para nos trazer um pouquinho das informações...

- Manifestação fora do microfone.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Pode ser.

Tem a palavra o Sr. Adalberto.

O SR. ADALBERTO BUENO NETTO – Obrigado, Vereador Police, pela oportunidade. Estou representando a Associação Colméia, uma entidade que nós fundamos em 2001. Portanto, ela começou bem antes até desse problema.

A Associação Colméia, que é a associação dos usuários Vila Olímpia, foi fundada no sentido de trazer uma solução definitiva para avenida que foi aberta, a interligação entre a Faria Lima, Olimpíadas, Gomes de Carvalho e Funchal. E quando nós fizemos essa associação nós tivemos dois trabalhos: primeiro era provocar a abertura dessa interligação, que nem existia. Fizemos um convênio, então, na Prefeitura, na época da gestão da Marta, para abrir a avenida.

Então os empresários da Vila Olímpia arcaram com o custo de abrir a rua Olimpíadas. Como também sou Engenheiro Civil e a Vila Olímpia é um local onde tem muitas empresas de engenharia e arquitetos, resolvemos fazer um modelo, porque a Cidade era tratada de uma forma que a gente não queria dar continuidade. O Sr. Roberto Aflalo, Arquiteto e Urbanista, fez os desenhos para esta abertura pela qual nós seríamos responsáveis, para que ela ficasse com uma coisa mais permanente.

E o que nos motivou muito foi verificar por que a obra não durava: por que a gente fazia a obra e, em seguida, vinham empresas e começavam a recortar aquilo, para enterrar cabos e outras questões de utilidades; e depois, simplesmente, fechavam parcialmente.

Falando tecnicamente, uma avenida tem uma sub-base de cerca de 1,20 metros,

1,40 metros, então o asfalto não é aquela camadinha que a gente vê, ela tem 1,40 metros de profundidade; então não pode alguém abrir e simplesmente fazer um remedinho que fica aquele burquinho e começa assim na bagunça.

Outra coisa, nós também queríamos encontrar uma solução para evitar o que justamente está acontecendo hoje em dia na Vila Olímpia. Naquela época, já havia uma parceria com a antiga Eletropaulo para tentar enterrar a fiação. E quando nós construímos a avenida, nós fizemos um modelo de enterramento para que não houvesse mais aqueles rasgos constantes nas vias públicas. Isso foi feito. Nós fizemos um trabalho de engenharia, contratamos a Concremat, uma grande empresa de projetos, que fez um modelo de como poderia ser enterrada a fiação no futuro.

Estou falando de 2003, 2004. A primeira ideia era que tudo ficasse enterrado num tubo só, fizemos o modelo, a Prefeita Marta foi lá, fizemos um modelo de 6m, era um tubo de 2,5m dizendo que passava tudo, inclusive eletricidade.

Porém, foram levantados alguns problemas técnicos, não deu certo, mas era uma ideia muito bacana que ficou exposta por uns seis meses e todas as autoridades públicas, na época, foram lá.

Depois veio uma solução um pouco mais simples, que era fazer uma calçada elevada onde seria tudo enterrado, e nós construímos. Os empresários pagaram por isso, e estava lá essa calçada elevada aguardando o dia do enterramento. Graças ao esforço das atuais gestões, chegou.

Ficamos muito satisfeitos, muito contentes, porque finalmente, depois de uma espera de 15 anos, o nosso problema seria resolvido. Mas não é bem o que está acontecendo. Acho que da parte da Eletropaulo, ela está andando bem, está enterrando, ainda não está acabado o enterramento; mas acredito que as instalações tenham sido feitas adequadamente e que a gente vai resolver isso.

Agora, a parte das calçadas, o que ocorreu foi uma surpresa muito grande para nós, porque isso tudo que nós fizemos foi aprovado, mesmo que não tenha sido nessa gestão,

nem na anterior, mas foi feito com trabalho de engenharia, projetos, que foram entregues e foram todos desperdiçados.

Hoje em dia, a nossa calçada é uma calçada de 100 metros que tem 25 caixas de 1,40 metros. Quer dizer, nós estamos resolvendo finalmente o problema de tirar a fiação e criando um problema de circulação péssimo, acabando com a área verde.

Aproveito para questionar por que o serviço não foi feito, utilizando a infraestrutura que já estava pronta? Nós contratamos uma empresa de pré-moldado, que fez a caixa, a placa tinha saca placas, para não quebrar. Agora virou aquilo.

Mas o que nos choca muito mesmo é ver que não existe uma coisa básica, que é o compartilhamento. Quer dizer, não é possível que cada empresa tenha o direito de, em cada quarteirão, colocar uma caixa. Imagino até que deve estar custando caríssimo para essas empresas esse enterramento, porque aquela caixa é uma caixa de metal grande, de ferro fundido, não é uma coisa barata, e está ficando horroroso para nós.

O nosso propósito nesta reunião são dois pontos: Primeiro, com a Telcomp, que é entender por que não está sendo feito o compartilhamento, uma caixa só bem projetada, bem alinhada, e as coisas estão sendo feitas dessa maneira. Segundo, é mais um alerta com relação ao asfalto. Outro dia, em frente ao nosso prédio, eu pedi paralisasse a obra do asfalto porque eu queria fazer uma medição para saber se tinha sido feito sub-base, e não tinha. Quer dizer, gastam uma fortuna para ficar o asfalto pretinho durante um mês, e depois vira o que são todas as ruas de São Paulo, com um monte de buraco.

Esses são os pontos que eu queria levantar. Estou muito satisfeito que está sendo finalmente efetuado esse enterramento, pelo qual esperamos muito tempo. É muito necessário, mas a gente gostaria de entender por que as nossas calçadas estão sendo tratadas dessa forma.

Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Muito bem. Quero agradecer a contribuição da Colméia, e do Sr. Adalberto Bueno Netto trazendo as informações.

Eu preciso liberar a inscrição para aqueles que desejam fazer manifestações depois que a Mesa concluir; agradecer a presença da Procuradora Ana Carolina Cortez, que nos acompanha; agradecer também a Arquiteta da Consultoria de Urbanismo e Meio Ambiente da Câmara, Sra. Vanessa Rocha Siqueira; e sempre essas duas figuras que nos auxiliam muito, o Cidão e o Batatinha, que têm sido os nossos dois anfitriões em todas as audiências públicas, sempre nos ajudando a manter uma boa relação com toda a sociedade que vem, ou quando a gente vai para fora.

Tem a palavra o Sr. Marco Augusto Mesquita Coelho, Diretor de Relações Institucional da Enel. Acabei de cobrá-lo inauguração que a Cidade tem, e a gente quer que faça o mais rápido possível. A gente sabe já está funcionando, mas importa contar para a sociedade da Subestação da Vila Mariana, que foi uma batalha desta Casa nos anos de 2015, 2016 e 2017, em que conseguimos trazer para cá muitos dos moradores de Moema, da Vila Mariana, da Chácara Klabin que tinham lá um problema no fornecimento de energia. A Subestação estava projetada para 23 ou 24. Conseguimos um acordo, antecipamos os investimentos. O prédio ficou lindo. Então, é um pedacinho da Vila Mariana do século passado que foi recuperado. Inclusive, eu acho que vale uma entrega e uma inauguração, porque também faz parte daquilo que vem sendo preservado pela Cidade.

Parabenizo pela decisão tomada pela AES Eletropaulo, há época, mas faço questão aqui de cobrar a boa inauguração, fazendo com que a sociedade também entenda os investimentos que são feitos pelas empresas nessa questão do fornecimento.

Tem a palavra a Enel, para nos contar um pouco desse processo do aterramento.

O SR. MARCOS AUGUSTO MESQUITA COELHO – Boa noite a todos.

Agradecemos o convite do Vereador José Police Neto. Cumprimos a todos.

Represento aqui o nosso Presidente Max Xavier Lins, que infelizmente não pode comparecer e pede desculpas por sua ausência, desejando a todos nós uma boa audiência, de forma que saíamos daqui com soluções e com boas justificativas.

Eu estou bastante à vontade para falar desses três projetos porque eu não tenho

muito tempo em nossa companhia, mas quando iniciei, iniciei por esses contatos junto à Prefeitura de São Paulo.

No início, a preocupação não era com as calçadas. A preocupação era com a fiação: os postes e a fiação que enfeiam a cidade de São Paulo e todos nós concordamos com isso. Fomos chamados pelo então Prefeito João Doria e algumas surpresas que ele mesmo desconhecia. Por exemplo, nós já temos aqui, na cidade de São Paulo, 52 quilômetros de redes subterrâneas. Isso é uma herança de outros nomes da Eletropaulo. Mas por que têm fios lá? Têm fios porque são outros *incumbents* e outros prestadores de serviços importantes para a Cidade que usam os nossos postes para poderem passar os seus cabos e as suas fiações. Mas o que ocorre? A legislação brasileira e toda a regulação do setor define a rede elétrica no Brasil como uma rede aérea e em nome do quê? Em nome de modicidade tarifária. Eu dou um exemplo para todos vocês e que é o seguinte: um quilômetro de rede aérea custa para ser implantada em torno de 250 mil reais, entre os transformadores, fios, postes e etc. e outras coisas de infraestrutura. Um quilômetro de rede subterrânea custa em torno de 6 milhões de reais. Nós temos exemplos de distribuidoras em que essa relação é até maior que essa. Nós temos uma vantagem, nós temos uma rede bem compacta. A nossa área de concessão é a área da Grande São Paulo, ou parte da Grande São Paulo. São 24 municípios e o maior certamente é a cidade de São Paulo.

Então, nós temos um problema hoje insolúvel todas as vezes em que desejamos ter uma rede de fios subterrâneos, e todos nós queremos. Nós também queremos.

Eu dou um outro exemplo: tivemos um trabalho extraordinário nos últimos três anos para cair de um índice 14 para um índice 8, que significa quantidade média máxima de horas no ano que o nosso consumidor pode ter em média. Esse é um padrão de desempenho imposto pelo órgão regulador e todas as vezes em que não atingimos isso, eu tenho de: primeiro, devolver para o cliente aquelas horas em que ele esteve sem luz. Ou seja, isso é rigoroso. Fora as multas que se paga para o regulador. Quando falamos de uma área com a fiação enterrada, esse número cai para 1,5 como padrão. Então, para nós, seria excelente.

Vejam o quanto poderíamos estar poupando de manutenção. Mas o fato é que a conta chega e chega para uma população que, certamente todos nós sabemos, não tem renda média para pagar uma tarifa que iria, mais ou menos, ao triplo disso.

Então, há apenas algumas áreas da Cidade oferecem critérios técnicos para que isso seja aceito pelo órgão regulador como sendo o chamado “investimento prudente”. E, se eu consigo colocar no meu ativo regulatório, na próxima revisão tarifária eu passo a ser remunerado pelo aumento do investimento que fiz. E essa é a lógica do setor de distribuição no Brasil. Você tem em sua tarifa aquilo que você investiu para a melhoria do sistema e para a sua maior robustez e etc.

Então, essa é uma equação que não vencemos facilmente. Há propostas nossas mesmo, mas que exigiriam, na verdade, a colaboração de todos para que essa tarifa tivesse um aumento suportável dentro desse mundo ideal que gostaríamos de ter. Mas isso depende de redução de impostos. Isso depende de essas melhorias que ocorrem em determinadas regiões terem uma contrapartida também, por exemplo, de contribuição de melhoria. Então, imaginem a discussão que nós teríamos, na Cidade, para chegarmos a esse ideal de uma maneira possível. Esses estudos estão à disposição. Em vários fóruns que frequentamos, nós levamos os estudos para a reflexão de todos.

Então, voltando aí à questão dos três programas que nós propusemos há época, isso começou uma discussão por volta de fevereiro de 2017. Em maio de 2017, nós já tínhamos construído um termo de entendimento com a Prefeitura. Depois, ficamos alguns meses obtendo as licenças necessárias e um trabalho de parceria com os nossos amigos de telecomunicações, de forma que esse trabalho pudesse ser feito dentro de um cronograma ideal que fosse suportado pelas duas empresas.

No entanto, quando vemos a projeção que o senhor fez, Vereador, gera efetivamente uma preocupação, mas eu posso garantir para vocês: primeiro, não se isentando. Importante, vamos falar de fatos. O senhor mostrou o cronograma inicial e aquele cronograma foi cumprido totalmente. Nós finalizamos as tarefas de enterramento da rede elétrica lá na Vila

Olímpia em julho de 2018, conforme a programação feita inicialmente e o compromisso que tínhamos assumido com a Cidade. É claro que a melhoria total, não iríamos perceber neste momento, porque está lá. Os fios permanecem lá. E não são apenas fios de telecomunicações. Nós temos fiação da própria Cidade. Nós temos fiação da CET. Nós temos fiação da iluminação pública. Eu tenho os colegas ali que recuperam a minha memória. Então, assim que isso for possível, o bairro certamente terá um visual mais adequado para aquilo que eu costumei chamar de o vale do silício, porque trabalhei na Vila Olímpia e sei.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Na Vila Olímpia tem 24 pontos de ônibus para 25 helipontos, então é um pouquinho... porque muitas vezes a gente não consegue compreender o que é a Vila Olímpia, mas ela tem 25 helipontos e 24 pontos de ônibus. Só que a circulação intensa é de quem sai da porta do trem e ocupa todos os espaços do bairro. Então, não ter calçada com qualidade é punir a boa circulação.

Então, o nosso esforço – e aqui pode até parecer estranho e a gente está discutindo com quem oferece energia e com quem oferece telecomunicação – é a gente ter calçada boa. Por sorte, temos vocês aqui, porque se parte do dinheiro do mundo está na energia e está na comunicação, essa parte do dinheiro vai estar na calçada. Então, estamos muito felizes que vocês estão aqui, porque é certeza de que a gente vai ter calçada boa.

O SR. MARCOS AUGUSTO MESQUITA COELHO – Complementando, isso é importante dizer, tipicamente a nossa obra é feita no leito da rua, porque são equipamentos grandes, e exigem um espaço específico. O compartilhamento infelizmente tem um grau de risco muito elevado, você passar eletricidade em cabos subterrâneos é necessário que eles estejam segregados e longe, por exemplo, da segregação de gás.

A manutenção é uma manutenção também muito cuidadosa, nós temos técnicos especializados nisso. Não é qualquer electricista que desce dentro de uma caixa de inspeção, porque aquilo tem que ter a altura de um homem, com espaço para ele se movimentar. Então, para você ter outras *utilities* nesse mesmo espaço, certamente estaremos impondo aos municípios de São Paulo um grau de risco maior.

Então, a nossa obra é uma obra segregada para a rede elétrica. Não conseguiríamos tecnicamente fazer compartilhamento. Como eu faço a minha obra tipicamente na rua, eu não quero me isentar, porque fizemos uma medição: cerca de 18 a 20% do espaço das calçadas são por caixas de inspeção nossa, assim grosseiramente. A gente até imagina que seja menos do que isso, mas tivemos o cuidado de, ao entregar a obra, ter a supervisão da Associação Colméia, quando entregamos as obras da Vila Olímpia. Naquele momento, eu desconheço se houve algum ato oficial dos senhores e tal, etc., mas tivemos esse cuidado, porque sabemos o trabalho de zeladoria civil que os senhores fazem lá. Então, isso deixou para a gente um grau de conforto grande.

A terceira etapa nós terminamos agora a Avenida Cásper Líbero e vamos descer para a área do mercado, ali são nove quilômetros, praticamente o dobro dessa área. Mas, vamos gastar um dinheiro muito parecido com o que custou na Vila Olímpia, embora seja o dobro da área. São nove quilômetros e também é alguma coisa em torno de 25 milhões de reais. Essa obra é mais complexa, a Cásper Líbero já está completada. Mas, ao descer para a região do mercado, temos uma obrigação de fazer uma mudança de tensão na linha de alimentação. Então, temos que construir a nova e só depois que vamos desativar a antiga e postes dessa região serão retirados em torno do segundo semestre de 2020. A gente termina em 2020 a obra e obviamente a gente depende dos nossos colegas de telecom para que eles tenham a mesma possibilidade de fazer, senão teremos certamente atrasos.

E aqueles 52 quilômetros que eu me referi no início não são obras de enterramento, são obras de retirada de postes. Temos ali 2.100 postes que vêm desde daquela região de comércio perto da Luz, sobe a Brigadeiro, desce para o Centro da cidade. Por enquanto, só retiramos 112.

Estive lá no dia, o Prefeito Doria estava praticamente saindo para a candidatura dele ao Governo e foi feito um evento. A gente tem fotos de antes e depois. É realmente outro lugar. Eu me recordo lá atrás, eu não estava na companhia, mas a gente tem o case da Oscar Freire. Veja, financiado pelos comerciantes.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. MARCOS AUGUSTO MESQUITA COELHO – Eu não me recordo exatamente...

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Lá foram comerciantes via um acordo com a Amex e parte a Prefeitura. Um combinado anterior a Lei Cidade Limpa. A exploração de imagem que foi permitida já não é mais possível, isso impediu reproduzir o modelo. Agora a gente se esforça para encontrar outro modelo para acelerar esse processo para outros territórios da Cidade

O SR. MARCOS AUGUSTO MESQUITA COELHO – Exatamente.

Rapidamente para não tomar um tempo do meu colega João, aquilo era uma obra para ser feita em um ano com cronograma, com tudo bonitinho, com todas as autorizações e etc. Demorou dois anos e meio. Um dos munícipes foi contra a obra, ele entrou com uma ação na Justiça e só isso demorou sete meses. E aí como é que você vai fazer? Fecha tudo e espera decisão judicial? Então, foi um transtorno, foi realmente um negócio que eu lia nos jornais dizendo que o futuro vai ser uma maravilha, mas o dia de hoje está uma desgraça. Mas obras com esse grau de intervenção, efetivamente, traz transtornos e etc.

Tenho certeza absoluta de que da parte da Eletropaulo e pelo empenho que vejo dos meus colegas de Telecom, teremos sim um futuro em breve que gerará o conforto, o embelezamento para região e que faz jus a todo esforço que vocês da Colméia desejam para o bairro.

Fico à disposição para qualquer outra questão e, por favor, e devolvo a palavra ao Presidente.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Obrigado, Marcos, pelos esclarecimentos.

A gente vai poder voltar ao diálogo contigo. Vou passar agora para o João Moura, da Telecom, Associação Brasileira das Prestadoras de Serviço de Telecomunicações para trazer as suas informações. Depois a gente abre para aqueles que vieram participar com a

gente. Tenho também um pequeno rol de questionamento para a gente poder avançar.

Tem a palavra o Sr. João Moura.

O SR. JOÃO MOURA – Boa noite a todos. Vereador José Police neto, muito obrigado pelo convite. Antes de qualquer coisa, considero necessário explicar o que é a Telcomp, porque não é Telecomp, é Telcomp, é uma associação criada há 20 anos, então, mais ou menos, na mesma época da Colméia, um pouquinho antes, talvez. É uma associação criada há 20 anos que hoje tem cerca de 75 associadas, todas operadoras de Telecom, dos perfis mais variados desde grandes grupos a empresas menores com atuação em todo o Brasil.

Em São Paulo temos cerca de 30 associadas, mas nem todas operam no Centro da cidade ou têm redes subterrâneas. Nesses projetos, a responsabilidade da Telcomp, a nossa missão é coordenar, atuar como facilitador do processo de execução de uma obra conjunta, mas a obra é contratada por cada empresa individualmente junto à empreiteiras, que são responsáveis pelo projeto e pela execução.

No caso da Vila Olímpia, temos duas das empreiteiras mais experientes do mercado de São Paulo, estão aqui há muitos anos e atendem o mercado. São realmente duas das principais prestadoras de serviço disponíveis aqui em São Paulo e temos duas empresas de gerenciamento, cuja missão é acompanhar a execução da obra e verificar o cumprimento do que foi contratado. Afinal de contas, estamos pagando caro pela obra e somos o primeiro interessado em ter uma obra de qualidade feita conforme o projeto.

Essas obras, essas empreiteiras têm atuado em obras similares ao longo de décadas, por exemplo, na Oscar Freire, como foi mencionado aqui, por exemplo, a Faria Lima, só para destacar algumas obras de grande impacto e que, durante a execução, também causaram, suscitaram questionamentos de todas as partes envolvidas porque evidentemente é uma obra que causa tanto desconforto para os munícipes que usam as calçadas ou usam as ruas, mas também para quem usa os serviços de telecomunicações que é cada vez mais demandado por todas as faixas, por toda a população, independente de idade, atividade

econômica, social, que seja.

Quando falo de Telecom falo de banda larga, falo de telecomunicações móveis, de TV por assinatura, todos esses serviços hoje dependem dessas redes. Da mesma forma que a rede elétrica precisa de postes. Para as telecomunicações, os postes são essenciais. Se pensarmos em ter telecomunicações com rede 100% enterradas, nós não teríamos telecomunicações no País. Isso é verdade no Brasil como é nos Estados Unidos, como é no Japão, em Tóquio. Redes aéreas existem em abundância com problemas muito parecidos em cidades que não tem os problemas econômicos que nós temos, não só do poder aquisitivo da população, como da altíssima tributação que existe sobre o serviço, também de energia elétrica, que também tira recursos que poderiam estar sendo usado para melhoria de rede.

Então, estamos atendendo à convocação do ex-prefeito Doria para conduzir esse projeto, para participar desse projeto de cidade sem fios. Na verdade, não é enterrar o fio, é fazer uma nova rede. Não se aproveita nada da rede aérea. Você tem de fazer toda uma rede absolutamente nova com outros cabos, outros acessos aos clientes e isso torna a obra extremamente complexa e extremamente cara que a única maneira de se baixar, facilitar esse problema, de se diminuir é quando existe uma forte coordenação com o setor público para que vários usuários do espaço públicos possam trabalhar de forma coordenada e evitar o abre e fecha de buracos.

Infelizmente, a história não tem privilegiado coordenação. O caso da Vila Olímpia é um exemplo disso. Agora estamos tendo uma coordenação interessante, mas a obra que a Enel fez nesse trecho que estamos atuando agora, quantos quilômetros estavam envolvido? Foram trechos relativamente pequenos.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. JOÃO MOURA – Boa parte da rede elétrica já estava, já havia sido enterrada no passado. E, nesse passado, poderia ter sido feito um trabalho conjunto, e não foi. Então, nós tivemos, a Enel completou os trechos em que ainda estava aéreo, mas as teles tiveram de fazer a rede nova integralmente. Praticamente, não havia nada enterrado ali.

Então, ali nós temos, hoje, obras de enterramento e obra de reordenamento de ocupações de redes aéreas que também são necessárias.

As soluções que foram mencionadas pelo representante da Colméia, de grandes estruturas internas que pudessem abrigar todas as infraestruturas, todos os serviços de gás, água, esgoto, águas pluviais. Evidentemente seria muito interessante. Nós já chegamos para perto desse tipo de projeto, mas, do ponto de vista econômico sempre pareceu proibitivo e, depois, exigiria uma coordenação de todas essas entidades ao mesmo tempo. Então, isso, com os serviços essenciais que não podem ser interrompidos, não é uma solução trivial. Uma hora, em um momento, em uma certa época, poderemos conseguir isso, mas talvez em novas intervenções urbanas. Enfim, para fazermos intervenções rápidas, com prazos propostos pela Prefeitura e não propostos pelas operadoras, não é uma coisa que pudesse ser considerada.

Chamo a atenção que o custo da construção das novas redes subterrâneas, no caso das telecomunicações, é assumido, é suportado completamente pelas operadoras. Elas pagam, não tem qualquer tipo de subsídio, nem de financiamento, nem de rebate na tarifa, nem nada disso.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Mas está sendo utilizada aquela dispensa de 30% do pagamento da retribuição mensal pelo uso do viário da Lei 13.614 de 2003?

O SR. JOÃO MOURA – Nós..., nós... Não haverá o pagamento.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Então, tem um benefício que as empresas de telecom passam a ter de não pagamento de 30% do que é pago hoje mensalmente por uso do viário. Então, quer dizer, tem parte de dinheiro público quando temos uma obra como essas, porque se dispensa 30% da cobrança.

O SR. JOÃO MOURA – Não. O pagamento pelo TPU, pelo uso do subsolo, é uma questão que vem sendo discutida nos tribunais há tempos. Considera-se que essa cobrança não é devida.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Não, não. Eu não estou falando nem

dessa. Eu estou falando daquilo que é pago hoje pela utilização aérea. Quer dizer, você tem uma possibilidade de desconto de 30% daquilo que já vem sendo pago. A pergunta é...

O SR. JOÃO MOURA – Não. Não tem desconto algum, de coisa alguma.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Então, você está arcando com 100%.

O SR. JOÃO MOURA – Com 100%. Perfeito. Não tem desconto de coisa alguma. Pelo contrário. Nós temos o gasto sem... Na verdade, nessas áreas não há nenhum acréscimo de receita. Então, é puro gasto em cima do que já existe. Então, falamos do custo.

A questão das caixas, o Sr. Adalberto disse muito bem, elas são caríssimas, elas custam muito, e só são colocadas porque são essenciais. Não temos outra maneira de fazer a rede...

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Isso quando você fala porque não tem um sincronismo de todas elas.

O SR. JOÃO MOURA – Não.

P – Não.

R – Não.

P – Nós sempre precisamos ter alguma coisa assim, como está ali. É inevitável? Em todos os países do mundo vamos encontrar uma sequência de tampas como essa?

R – Não em todos os países do mundo, porque você pode ter outros modelos regulatórios, em que você tenha menos empresas atuando no mercado, uma ou duas. Mas, no mercado brasileiro, que é um mercado concorrencial, que têm várias empresas no mercado. Então, cada empresa precisa ter as suas caixas de emendas, as suas caixas de acesso, para operar as suas redes. Existe compartilhamento, sim, porque hoje, na Vila Olímpia, temos cerca de quinze, dezesseis operadoras na maior parte dos trechos. Várias delas compartilham caixas – duas, três, não mais de três –, algumas têm volumes de redes tão grandes que precisam ter caixas exclusivas e muitas delas.

Uma dificuldade que temos no Brasil, Vereador, é a seguinte: nós precisamos ter mais de uma tecnologia sendo usada no mesmo momento. Em alguns países, quando mais

ricos, quando surge uma tecnologia nova, você consegue arrancar tudo que existia e bota tudo em uma tecnologia só. Hoje temos redes metálicas convivendo com redes HFC, com redes de fibra, de operadoras residenciais, operadoras corporativas, de operadora de transporte. Então, temos uma variedade de operadoras e isso se torna necessário. Se não fosse necessário, ela não faria. Estaria jogando dinheiro fora.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Perfeito. Precisa entender duas coisas. Então a gente está dizendo que as caixas são necessárias, mas quando a gente projeta a instalação das caixas, quando a gente vê do lado direito, elas estão no passeio livre, elas estão exatamente onde por lei elas não podem estar.

Estou a dificuldade das empresas brasileiras porque elas têm muitas tecnologias embarcadas, somos um país em desenvolvimento e talvez a gente tenha até errado em fazer o aterramento. Você vai conseguir me convencer até o final se a gente errou ao fazer o aterramento. Por hora, comecei a ter dúvida se a gente está certo em fazer o aterramento, mas o que eu estou dizendo aqui é a forma como está sendo implantado impede que eu respeite uma lei fundamental que é de circulação da Cidade que exige que qualquer intervenção que seja feita, inclusive vocês, garantisse 1,20 metro do centro da calçada para a circulação do pedestre. Eu não consegui enxergar - e aí eu vou pedir para vocês para a gente receber os projetos - uma questão da lógica de como se implanta. Então, se eu decidir colocar isso na área de serviço, eu faço todas as caixas na área de serviço e estou respeitando a legislação municipal que define uma área de serviço e uma área livre para circulação.

Mas me parece que ou a gente teve uma falha de projeto ou uma falha de execução por que a maior parte das caixas que eu assisti lá está exatamente onde não pode estar. Primeiro eu discuti se precisavam ter tantas caixas assim. Não sou técnico do setor de Telecom, portanto, eu não vou duvidar do senhor. Eu sei que imagem é assustadora porque imagine se a gente resolver fazer isso em outros espaços. Vou ser sincero, não vejo tantas caixas como essa na Faria Lima. Não vi nenhum trecho da Faria Lima que tenha um perfil similar a esse. Também não vejo na Paulista, na Oscar Freire.

Então, tudo o que a gente viu até agora que foi feito nada teve esse padrão, mas estou entendendo que para a Vila Olímpia tem algo tecnicamente que eu ainda não sei e o senhor talvez tenha como nos contar que nos obriga a ter tudo isso. Se a gente tem que ter tudo isso, a gente tem que saber onde a gente vai colocar tudo isso e não me parece aonde que foi decido estar. Eu não tenho como colocar o podotátil. Ou a caixa de inspeção permite um podotátil em cima para as pessoas que têm dificuldade?

Esses projetos foram oferecidos para a Prefeitura e aprovados? Quer dizer, a Prefeitura orientou mesmo vocês colocarem a caixa onde está? Você falou que vocês contrataram duas empreiteiras que são - depois você conta para a gente quem são - para fazer e duas gerenciadoras também. Estou entendendo que são empresas com excelência e competência e gerenciadoras também. Desculpa, alguém que acompanhou isso de alguma forma não acertou porque se tem uma legislação básica que diz que tem que ter 1,20 metro para o pedestre e é o único lugar que não pode estar é onde se instalou. Ou é projeto ou é execução ou é projeto, execução e gerenciamento. Estou falando isso para gente não reproduzir os erros, mas corrigi-los e torcer para não errar mais até porque você falou que se gasta muito dinheiro. Gastar dinheiro para fazer errado, muitas vezes, é gastar duas ou três vezes.

Então, assusta-me para um setor que tem tanta tecnologia, como o setor de Telecom, que tem tantas empresas de reconhecimento nacional e internacional, oferecer isso para São Paulo. Estou falando do que eu vi, não daquilo que eu não vi. Fui lá pessoalmente uma vez, duas vezes, conversei com quem estava fazendo a obra, perguntei para ele: “você tem certeza de que é aqui?” e ele falou: “Aqui.” Eu não tenho condição de interromper uma obra. O meu desejo era parar, esperar um pouquinho, deixa-me chamar o pessoal que aprovou, o pessoal que está executando para que se tiver que acertar no curso, acerte no curso para não ficar pior. Não consegui. Fiz o pedido de informação há mais de um ano e não consegui as informações, tentei de novo e não consegui. Por sorte, vocês estão nos dando a oportunidade de fazer este diálogo. Se está faltando coordenação, se está faltando comando,

se está faltando liderança, pode estar faltando um monte de coisa. Não faltando vontade nossa de dialogar com todos, quem sabe para gastar menos recursos de vocês e com certeza vai ser reproduzido em algum momento para os clientes.

Acredito ser difícil alguma empresa falar que sobrou um recurso que iria passar para os acionistas, mas que está tirando dos acionistas para passar para a Prefeitura de São Paulo porque o Prefeito Doria pediu. Não acredito que a gente tem ainda dirigentes de empresa que tenham a capacidade de convencer os seus acionistas de que vão gastar 25 milhões com o Prefeito Doria e os acionistas não vão ter acesso a esse recurso. Portanto, alguém vai pagar essa conta e essa conta vai refletir em toda a sociedade. Se ela reflete em uma calçada e em um processo que nos orgulha, a gente pode até achar que o custo valeu a pena. Mas aí estou falando exatamente do inverso, a gente está começando a enxergar que todos os esforços que estão sendo feitos, estão deixando um resultado que vai sobrar prejuízo para o pedestre lá na frente e acho isso um risco. Vai sobrar não só para o pedestre porque todas essas tampas – e eu vou te convidar para a gente ir daqui uns quatro meses - como todo ali é acesso para carro, daqui quatro meses está tudo estourado, todas as bordas delas vão estar estouradas e tem de fazer tudo de novo, como eu assistir muitas aqui na região central também.

Então estou fazendo um esforço se a gente pode arrumar esse processo antes de consolidar todos os erros em um primeiro projeto como esse. Este é o primeiro que está tentando reunir as Teles com a empresa de energia depois de experiências muito pequenas. Não dá para comparar a Oscar Freire no trechinho que ela é de 700m com quatro, cinco, dez quilômetros. Estou fazendo isso porque como ainda é finito os processos e tinha lá “vamos fazer isso primeiro nos corredores de ônibus”, então, por diversas vezes, a gente iniciou o processo que foi então interrompido e mudaram.

Então, em certo momento, o anúncio da Administração era que iriam aterrizar os fios dos corredores. Quando estávamos na gestão do Prefeito Haddad, o aterramento seria nos corredores. Depois mudou dos corredores para Centro, Vila Olímpia e outro. Estou tentando

trazer de vocês a experiência que já se tem em algumas intervenções. Esta daqui é uma experiência, Faria Lima. Você vai ver que a gente não tem 25 na mesma quadra. Esta daqui é a Paulista e também não vamos encontrar 25 na mesma. Estou pegando exemplos que a Cidade já elaborou com seus acertos e com seus erros para a gente tentar reorganizar entendendo que tem esforços das empresas de Telecom, está claro que tem uma missão da Telcomp, que é ser uma facilitadora na obra conjunta. Então entendo a tarefa que está nas costas de vocês, mas entendo que o resultado que a gente está deixando é um resultado que, na minha opinião, prejudica a imagem das empresas representadas.

O SR. JOÃO MOURA – Uma das empresas que está atuando, uma das empreiteiras, é a mesma que fez a obra da Faria Lima. A colocação das caixas depende de onde de onde estão os cabos embaixo. Então, para determinar aonde os cabos vão passar, é feito um estudo inclusive com o Georadar que mapeia as interferências, o que existe no subsolo; e a construção das redes, que é um volume de dutos muito significativo, tem que se acomodar nos espaços que estão disponíveis lá embaixo, porque não tem como migrar as outras redes.

Então ele é construído onde tem espaço para colocar aquele banco de dutos. E em cima desses dutos é necessário colocar as caixas de acesso, que são necessárias para as manutenções e para executar as derivações para atender os clientes.

Como essa área na Vila Olímpia é muito densa, do ponto de vista residencial e do ponto de vista comercial e também de data centers, instalações importantes de TI que existem naquela área que precisam que demandam esse tipo de infraestrutura; o resultado final é esse: são muitas empresas num espaço muito pequeno, bancos de dutos grandes, e essa é a forma que se encontrou de encaixar, de juntar todas essas peças.

Existe certo grau de compartilhamento em algumas dessas placas, dessas tampas, tem lá o nome das empresas: duas, três, compartilhando. Às vezes, tem o nome de uma só, mas têm duas ou três compartilhando. Mas o fato é que os projetistas das próprias empresas e das contratadas, eu não sou um deles, chegaram à conclusão de que esse é o modelo

necessário. Ótimo. Se pudesse ser metade, teria sido feito metade.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Deixa eu fazer só uma solicitação, para ver se é possível isso. Ainda não tive acesso a nenhum dos estudos nem a nenhum dos projetos. Se é uma obra que está sendo feita na área pública, os projetos também são públicos.

A Telcomp pode assumir o compromisso de encaminhar os projetos para a gente exatamente fazer essa conferência? Porque o que eu não acredito é que a calçada estava no lugar errado. A única certeza que a gente tinha antes de começar a obra é que a calçada era consequente ao meio-fio. Então, tinha a via, o meio-fio e a calçada, que não estava no lugar errado.

E aí você está dizendo que os técnicos fizeram o dimensionamento de como pode distribuir isso dentro da calçada.

O SR. JOÃO MOURA – Como vai distribuir os dutos no subsolo, porque uma vez colocando o duto aqui a caixa é para acessá-lo. Não posso botar o duto aqui e a caixa ali.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Perfeito, então entendendo que, em algumas, a caixa conseguiu ser colocada na área de serviço; e, portanto, na área projetada em cima da área de serviço.

O SR. JOÃO MOURA – Ela foi colocada ali, porque foi o único local encontrado capaz de abrigar o banco de dutos necessário. Se o banco de dutos fosse menor ou tivesse espaço mais para um lado, ou para o outro, mais para dentro, ou mais para fora, a sequência de cabos teria ido para um lado ou para o outro.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Perfeito. É que eu preciso saber quem autorizou colocar aí, porque se a oferta que você está dizendo é contra lei alguém autorizou a empresa a implantar as caixas, contra a legislação.

Portanto, eu preciso saber quem fez o projeto; ao realizar o projeto, só encontrou uma alternativa; e, na hora de implantar, alguém disse o seguinte: “Tem lei, mas para isso a lei não serve, portanto você pode passar por aí”. Assim estou dizendo como a gente segue

minimamente essa hierarquia. Se eu quisesse estacionar qualquer coisa onde você colocou, onde você estacionou a sua tampa, eu não poderia, porque quando você for fazer uma inspeção ali é o único espaço por onde passa o pedestre. Portanto, você interrompe a circulação e quando você põe 25 consequentes e se, uma vez por mês, cada um deles resolver fazer um reparo, ou for obrigado a fazer, a gente não vai ter a calçada nunca para o pedestre circular.

O problema não é da oferta do serviço, porque o seu serviço, quando é realizado, é remunerado. Quem passa em cima da calçada, não. E é você que vai expor o pedestre à insegurança da rua, porque ele será obrigado a ir para rua porque você está fazendo uma atividade econômica na calçada que é dele, e não sua. Essa é a questão.

Então, não é que não queremos as empresas. Nós queremos, e queremos muito, mas a gente precisa minimamente ajustar a oferta de espaços públicos. E comecei dizendo isso: tem 31% da população que só circula a pé; os outros 69% também circulam a pé. Nesse trecho, a gente pode dizer que mais de 70% da população circula só a pé, embora seja uma avenida bem larga. Se você passar a qualquer hora do dia, verá que tem muito mais gente na calçada do que na própria via.

Então, a forma com que a gente lidera e coordena não pode ser essa, porque essa gera um risco às vidas do pedestre, porque se estou oferecendo a calçada que não serve e, quando for fazer inspeção, que deve ter uma rotina de, sei lá, pelo menos uma vez por mês; uma dessas calçadas será inspecionada, então será uma rotina intensa. Estou tentando compatibilizar esses dois universos.

O senhor falou que, para isso, precisa de uma coordenação muito forte do processo. E estou aqui oferecendo mais força para essa coordenação, para que coisas como essa não sejam implantadas na Cidade, senão erramos todos. Essa é a questão mais importante.

O SR. JOÃO MOURA – E a observação que fiz foi no sentido de que essa configuração foi possível de ser feita nesse instante. Esses bancos de dutos foram assentados

onde existia espaço. As interferências embaixo de outros serviços, de outras estruturas, não foram removidas para atender Telecom, que foi a última chegar. Então ela teve que usar os espaços que estavam disponíveis.

E a abordagem técnica usada é a mesma que se usa em todas as obras, com a característica da Vila Olímpia, de alguns trechos da Vila Olímpia, onde existe uma demanda extraordinária, por infraestrutura de Telecom. São *data centers*, são pontos de troca de tráfego de internet, são grandes prédios comerciais e residenciais. Então, se fosse possível ser feito um número menor, ninguém rasgaria dinheiro construindo essa infraestrutura, ainda mais num momento como esse em que existe uma demanda extraordinária de obras.

Se eu pudesse usar essas caixas, uma fração delas, em outros lugares, teria feito isso.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Deixa eu fazer uma proposta de encaminhamento.

A gente tem não muitos, mas temos uma inscrição, a da Paulo.

Depois, vou insistir em duas, três perguntas, e, então, chegar a um encaminhamento, para ver se é possível avançar do encontrar do encontro de hoje. Porque, pelas informações da Enel e da TelComp, me parece razoável entender e dialogar com as empresas que estão realizando a obra, quer dizer, saber quem são e conhecer os projetos, quem aprovou os projetos, quem são os gerenciadores. Acredito que a segunda fase do nosso diálogo é com quem está fazendo. Se ainda temos que realizar algumas intervenções, é fundamental entender quais serão, como serão, e como parte dessas decisões, a gente pode envolver outros atores, que possam, de fato, forçar esses entendimentos que o senhor mesmo falou, que é de como a gente pode colocar mais empresas alinhadas nesse processo. E aí, reduzir um pouco os maus impactos que estão sendo visíveis no território.

Passo a palavra ao Sr. Paulo Uehara, para que traga um pouco da experiência que ele tem junto a associações que não estão nesse território, mas estão muito próximo – Vila Nova Conceição, Morumbi –, para que a gente possa avançar um pouco para o nosso

encerramento. Não pretendo que a gente conclua a nossa reunião aqui muito mais do que as 21h. Portanto, duas horas de audiência pública é o bastante para a gente aprender um pouco, e, quem sabe, endereçar soluções para o futuro.

O SR. PAULO UEHARA – Boa noite. Obrigado.

A minha pergunta é em relação à obra de requalificação da Av. Santo Amaro, onde também toda a fiação vai ser enterrada.

A Lia tem um *slide* que nós conseguimos com SPObras de onde vai ser feita essa obra. Vai ser cavada uma vala com dois metros e meio, e vai ser passada a fiação da Enel e de todas as empresas de telecomunicações.

Eu não sei se os senhores estão acompanhando esse projeto de requalificação da Av. Santo Amaro. Eu não sei como vai ser feito o acesso, que eles chamam de PV – Posto de Visita – para acessar esses cabos. Se cada empresa de telecomunicações vai ter o seu posto de vista ou se será um só.

O SR. JOÃO MOURA – Nós não temos o projeto ainda. O projeto está em fase de elaboração, está ainda sendo discutido. Então, certamente, nós vamos fazer esse projeto. A preocupação de minimizar a necessidade de caixas existe, como temos feito isso em todas as obras. Ali, com certeza, vamos ter uma situação diferente ou talvez uma necessidade menor do que foi vista na Vila Olímpia, por características específicas da Vila Olímpia, de alguns de seus trechos, que tem uma concentração, uma necessidade de rede, na arquitetura das redes, diferente da Santo Amaro. Mas nós não temos ainda o projeto pronto. Mas certamente essa questão das caixas será revisitada mais uma vez. Não é a primeira vez que a gente tem esse tipo de crítica. Na própria Faria Lima, não é tão intenso quanto ali, mas existe um número de caixas muito grande. Ali eu tenho 12 operadoras de cada lado. E algumas entraram depois e outras já estavam lá antes. Então tem pelo menos umas 16 operadoras ali não a Faria Lima. Ali, as calçadas são um pouco mais largas, então, às vezes, a caixa está aqui, às vezes está ali. Ali, como é muito apertadinho, elas acabam ficando todas enfileiradinhas.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Eu nunca tinha visto isso na vida.

Então, para mim, parece álbum de figurinha; nunca vi calçada assim. E eu vou falar: em alguns casos, com não tão controle remoto, conseguia colocar mais na sequência que aqueles que ofereceram para as calçadas da Vila Olímpia... Às vezes, o caminhozinho parecia um caminhozinho de rato. Então não sei se também é assim a forma.

Mas eu queria fazer uma pergunta: se é possível você oferecer agora para a gente. A gente pode ter os projetos que foram elaborados? Quem elaborou esses projetos e se a gente pode ter acesso aos projetos, porque aí a gente sobe na página da internet da Câmara, e não só a gente, mas muitos que vão estudar o caso. O esforço que a Câmara sempre faz é oferecer o que tem para que a sociedade possa, a partir daí, tirar as suas conclusões.

Segundo é: quais são as duas empresas? Quanto que a gente está gastando com isso? Porque a Eletropaulo falou quanto gastou. Eu ainda não escutei de vocês quanto vocês estão investindo. Quanto já gastaram e quanto ainda vão gastar até o fim.

Terceiro: quem são as duas empresas que estão fazendo gerenciamento? Eu estive diversas lá, vi gente trabalhando, não sei como é feito processo de gerenciamento, mas aí teria sugestões para as empresas de gerenciamento. E, portanto, estou aqui colocando um mandato que se aprofunda nessas teses. Aqui, a gente consegue ver que foi feito na área verde, mas é na área de serviço. A gente perdeu área verde, é um prejuízo, perdemos área drenante, é um prejuízo também, mas a gente manteve o 1,2m preservado para o pedestre.

São três pontos fundamentais: o projeto, quem elaborou. Imagino que a Associação contratou o projeto, e, portanto, alguém se dedicou ao projeto. Precisamos ter acesso a ele. Depois, as empresas que foram contratadas para realizar a obra, quais são e quanto está se pagando para isso. E as empresas que foram contratadas para fazer o gerenciamento – como se contratou, o quanto se pagou, também para a gente saber disso. E tentar tirar a partir do dia de hoje qual o acompanhamento cidadão, seja feito pela Câmara, seja feito pela Associação Colméia, que a gente pode combinar com vocês para quando a gente tiver que contar para alguém – “Estou achando que tem alguma coisa estranha, porque estou com o projeto, estou vendo a execução; não sei se a gerenciadora está vendo tanto quanto a gente”. Porque a

gente dialoga com muitos moradores, a gente dialoga com muitos trabalhadores do território, e acho que a gente pode ajudar as empresas, e, portanto, os resultados serem muito melhores do que aqueles que a gente está colhendo até esse momento.

Então é: projeto, quem fez, se a gente pode ter acesso, e quanto custou; empresa que foi contratada para realizar, o quanto já realizou, quanto pagou e quanto ainda precisa pagar. De gerenciamento, a mesma coisa: quais são as duas empresas, quanto está gastando, quanto já pagou e quanto ainda deve gastar. Exatamente para a gente saber. Quando for tomar uma decisão de pedir para alguém fazer mais disso, a gente saber se deve pedir. Que é muito parecido lá com o muro de vidro da raia da USP. Ao final, a gente pode fazer: “Pô, valeu a pena investir 25 milhões, 30 milhões naquilo?” A gente fala assim: “Estou começando a achar que não, porque quebra toda hora”, não sei o que lá. Então tem coisas que, às vezes, a gente tem um desejo muito grande que fique bonito, mas não funciona, e aí melhor a gente optar por um outro caminho, que não achar que sempre o bonito é a melhor solução. Nem sempre o bonito é a melhor solução. Às vezes, o funcional e adequado à nossa capacidade de remuneração das coisas, é melhor do que só estar bonito. E aí insisto: tínhamos calçadas boas na Vila Olímpia. Eu preciso dizer que, daquilo que eu tenho visto que está sendo entregue, as nossas calçadas não mais são boas. E aí isso é um prejuízo. Não sei se a gente vai conseguir recuperar de outras formas, mas preciso ser sempre muito sincero aqui. Esperem tudo de mim, mas não esperem que eu vou contar para vocês aquilo que não sentir.

O SR. JOÃO MOURA – Sem dúvida, nós vamos encaminhar os nomes das quatro empresas, e verificar uma maneira de fazer os projetos serem disponíveis. Talvez, promover uma reunião dos responsáveis técnicos pelos projetos, para que venham explicar como foi feito. Tá ok?

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Temos uma última inscrição, e, na fala dela, a gente encerra as inscrições.

Já vou aceitar de plano a oferta dos técnicos para virem conversar com a gente, aqueles que elaboraram o projeto; depois, aqueles que estão executando. Então estamos

saindo daqui com a certeza que nos próximos 30 dias nós não teremos uma audiência pública, e, sim, uma reunião técnica. Então ela não tem todo esse formalismo daqui, mas a gente vai poder receber os projetos, tanto da Enel como de vocês. Vamos colocar eles juntos na mesma mesa, vamos debater sobre eles. A gente vai contar com o apoio do nosso pessoal do apoio técnico de engenheiros e arquitetos aqui da Casa que podem nos ajudar a compreender isso. E também, quando tivermos acesso às empresas que foram contratadas, também para ter o mesmo diálogo. Mas a ideia é, no próximo encontro, não ser audiência pública, ser reunião técnica, e trazer os técnicos que trabalharam, seja na elaboração de projeto, seja na aprovação do projeto, seja na execução do projeto, seja no gerenciamento do projeto, para a gente ver onde estão os gargalos que não nos permitem ter calçadas como a gente sonha.

Márcia Custódio é conselheira participativa da Subprefeitura de Pinheiros. É fisioterapeuta. E conhece mais de calçadas do que eu, porque recebe no consultório dela quem cai na calçada, e, aí, ela que vai ter que consertar o dia a dia dessas pessoas.

A SRA. MÁRCIA CUSTÓDIO – Você já fez uma boa apresentação da minha pessoa. Muito obrigada.

P – É que eu estou acostumado com você nas nossas reuniões de calçadas.

R – Isso. E nós estamos trabalhando desde 2012, que foi quando eu comecei. Realmente eu, porque caí na calçada, e tive problemas, e tenho problemas de tornozelo, que eu vim aqui à Câmara e, lá embaixo, eu perguntei assim: “Qual é o Vereador que mais trabalha aqui pelo povo”. Aí eu tive a indicação, foi o primeiro a que eu fui, mas eu fui a várias portinhas. É apartidário, o meu trabalho é pelas calçadas planas, uniformes, adequadas à biomecânica do pedestre. Eu sou fisioterapeuta e posso dizer que inovei a fisioterapia aqui, porque eu trouxe o RPG, vários métodos para a fisioterapia, só que nossa fisioterapia não é sustentável, e aí que veio a minha frustração. A pessoa melhora no consultório e depois, andando nas calçadas, piora. Então, pela inclinação para a entrada de carro, etc.

Eu não entendi se existe um departamento, uma secretaria ou um coordenador junto. Por exemplo, agora existe a Comissão Permanente de Calçadas, que é a Dra. Matilde

Costa que está lá. Então se sabe que vão ser feitas calçadas. Quem é que coordena todos vocês, todas essas caixas, que nós precisamos de todo esse trabalho, além do Police, que é ultra interessado, existe um departamento para isso? Existe uma secretaria

P – A pergunta é: onde vocês foram para aprovar e poder colocar na rua esses projetos.

R – Isso.

P – Na realidade, essa pessoa a pergunta que a Márcia está tentando fazer tanto para a Enel como para a Associação das Empresas de Telecomunicações. Quer dizer, onde vocês foram para aprovar aquilo que está implantando lá?

R – Isso. Ou onde vocês deveriam ir e que não existe no Brasil?

Eu sou especializada na Alemanha, então eu morei dois anos em Berlim, em 70. Quando eu voltei, Montoro fazia um projeto de governo e nos chamava. Por exemplo, na área de saúde, várias pessoas iam lá; eu participei disso também. Agora, a Alemanha, por exemplo, é um país que tem projetos a longo prazo. A gente percebe isso. A gente anda em Berlim, ou em qualquer cidade, e tem calçada boa, não tem dúvida. O Brasil não tem projetos a longo prazo. A gente vai no tampa buraco, tampa buraco, tampa buraco. Então, quando eu fui para ser conselheira, os meus próprios colegas me diziam que não era lá que eu deveria ficar. Falei: “Gente, vocês vão ajudar o Prefeito a tampar buraco”. O seu neto, bisneto, tataraneto vai estar tampando buraco. Não, vamos fazer um projeto a longo prazo. Então é isso que eu penso. E pergunto se há uma logística, um estudo com tudo isso.

Obrigada.

P – Obrigado, Márcia.

Vou fazer a seguinte sugestão, para a gente fazer uso da resposta, e, já, dos encerramentos. Assim a gente dá economicidade à nossa reunião. Então, na sua fala, viu, Marcos, pode fazer as suas conclusões. Já peço para você deixar todo o material que você trouxe à nossa disposição, porque a gente vai colocar tudo isso no portal da Câmara, porque aí todo mundo que não esteve aqui vai ter acesso aos estudos que vocês vêm realizando. E a

mesma coisa o João Moura.

O SR. MARCOS AUGUSTO MESQUITA COELHO – Primeiro, agradecer essa possibilidade.

Hoje, passada toda a obra, a gente fala com bastante tranquilidade sobre o que aconteceu, mas eu posso garantir para vocês que isso movimentou uma equipe imensa dentro da Eletropaulo – a então Eletropaulo –, agora, a Enel Distribuição São Paulo. Estão aqui os meus colegas que são responsáveis por isso.

A Andreia, para citar primeiro a moça; o Ronaldo, que atende a área comercial; o Danilo, também a área comercial; o meu colega Marcelo Cortes, que é nosso diretor, quem cuida hoje do subterrâneo da área de alta tensão; e o Moacir, que é nosso engenheiro.

Moacir é o responsável pelos projetos. E ele me pede para falar para o Paulo que, no caso deste projeto, o duto, ou a nossa conexão, vai ser exclusiva e isolada, em nome da segurança do processo.

Estão à disposição os documentos e tal, etc., todos. Isso tudo é aprovado em Convias em São Paulo. E esses documentos todos foram chancelados. E eu sei que nós tivemos uma vida mais fácil, porque nós somos uma empresa só. Eu não invejo o trabalho do João, em fazer uma coordenação onde tem 12 empresas que se sentem competidoras entre si, e, portanto, com mais dificuldade de se integrarem.

Eu agradeço ao Vereador pela gentileza e pela forma tão elegante com que nos recebeu. E a todos boa noite.

P – Agradecer não somente o Marcos, mas a toda a equipe que o acompanhou. Para gente, tê-los aqui é importante. Vocês foram muito importantes para a gente no debate da Subestação da Vila Marina. E os resultados que já são colhidos nesse momento, da redução do volume de reclamações, são significativos. E a gente vai continuar perturbando vocês quando a gente enxergar que, em algum território da cidade, a nossa ação, como ouvinte da sociedade, si do comum. Como saiu aqui. Eu não chamaria vocês aqui para uma audiência como essa, se não fosse o reflexo que, na minha opinião, comprometia a imagem de vocês lá.

E estou falando isso porque ou a gente tem uma preservação completa das nossas relações, de dizer o seguinte: “Estou começando a ver que está ficando ruim para vocês, pessoal, porque vai ter gente que vai deixar de contratar vocês porque está vendo a marca de vocês numa coisa malfeita”. E, por isso, fiz questão de fazer assim, de maneira pública, porque aí não fica aquele negócio: recebi no gabinete, falei. Não, está todo mundo vendo o que a gente está falando. Os documentos vão ficar, vão subir para a internet e todo mundo vai ver. Acho isso bom. Até para pessoas oferecerem novos conhecimentos em cima daquilo que a gente aqui falou.

Vou passar a palavra ao João Moura. Mas vou fazer uma leitura, até para ilustrar um pouco o que o Marcos aqui falou.

A legislação que dá suporte às autorizações traz o seguinte: “A permissão de uso será formalizada por termo firmado pelo Diretor de Convias, do qual deverão constar as seguintes obrigações do permissionário”. Esse é o artigo 7º da legislação. Aí ele vai lá no inc. IX: “executar as obras de reparação do pavimento da via pública e dos passeios, reinstalar os mobiliários urbanos e sinalização viária, conforme especificações técnicas no prazo estabelecido pela municipalidade”. Então, para cada uma das aprovações, tem uma consequente obrigação dos concessionários, seja de energia, seja de teles, que é validado pelo setor público. Por isso que eu falei: precisamos dos projetos, precisamos saber quem validou, para que prazo validou e para que resultado isso foi feito. Então passo agora ao João Moura, insistindo: importante, João, a gente ter acesso aos projetos, a como eles foram aprovados, a empresa que foi contratada para executar e a gerenciadora que vem acompanhando.

O SR. JOÃO MOURA – Ok. Agradeço por esta oportunidade de estar dialogando. É um esforço muito grande das operadoras de implementar essa construção de redes novas. Simplesmente enterramento dá uma ideia de que a coisa é simples – só tirar de cima e colocar no subterrâneo –, mas não é assim, é uma construção de redes novas, tentando reduzir o impacto não só para os munícipes, que estão transitando ali, mas pelos mesmos munícipes

que também são usuários de serviços de Telecom. Esse é o equilíbrio que temos que construir.

Essas suas fotografias, não sei quando foram tiradas, esse filme. Certamente ainda falta muito a ser feito, mas quando as obras forem concluídas, agora, até o começo do próximo mês, a situação será muito diferente disso. Então vamos estar com um padrão, uma recomposição completa, que não é o caso aí, e como disse bem o Marcio, isso tudo passa pelo processo de verificação de sinal de Convias, que é responsável pelo aceite final da obra, enfim, que vai então checar e qualquer inconsistência que seja identificada vai apontar e a reparação será feita.

As empresas que participaram da obra eu vou avisá-las do seu interesse de convidá-las e entraremos em contato para marcar uma visita, uma reunião técnica com cada uma das duas empreiteiras, e com as respectivas empresas de gerenciamento.

Era isso, então. Obrigado.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Perfeito. Só para deixar consignado, as imagens foram capturadas no mês passado, mais ou menos nessa mesma época, em 6 de maio. Então, estamos falando, mais ou menos, de um mês de hoje. Eu só as estou reproduzindo, porque foram elas que embasaram a aprovação do requerimento.

Então eu preferi usar as imagens que me embasaram a fazer a solicitação, do que voltar ao território para fazer novas imagens, o que poderia distorcer o caso que trouxemos aqui. Então, na realidade, talvez tenhamos levado muito tempo para conseguir trazer vocês. Se em uma semana, 10 dias, depois da identificação, tivéssemos trazido, talvez pudéssemos ter um prazo menor.

Mas, quero primeiro agradecer a todos vocês que vieram, àqueles que estão nos acompanhando pelos canais digitais, porque toda a nossa audiência foi transmitida ao vivo pelo portal da Câmara Municipal de São Paulo, então quem não estava aqui pode nos acompanhar.

Eu vou insistir, porque para a gente é muito importante não só receber os documentos, mas ainda no mês de junho, portanto, antes do encerramento das obras, para ter a oportunidade de diálogo técnico, exatamente, para a gente poder deixar claro para a

associação e é com ela que eu quero terminar a nossa reunião, passando a palavra à Sociedade Paulista, Paulistana, que está naquele território, que me demandou uma ação legislativa e foi isso que a gente fez: uma audiência pública dentro do Parlamento.

Eu não acredito que a gente precise de nova legislação. Acho que o conjunto de leis que está ofertada dá cobertura a boas obras, já é o bastante. A gente já tem um conjunto gigantesco de exigência, não precisa de mais leis. A gente precisa que as leis existentes sejam cada vez mais ambientadas com o nosso uso. A gente tem a prática de respeitá-las e, ao respeitá-las, a consequência é ter uma Cidade melhor. E se a gente for percebendo que a legislação não está produzindo a boa Cidade, aí fazer as alterações necessárias se a legislação não está dando o comando para o desenvolvimento da Cidade que a gente quer.

Mas insisto que é importante que, até o final do mês, a gente consiga reunir as empresas que projetaram, as empresas que estão executando e as empresas estão gerenciando. Vou fazer um esforço para trazer também Convias e Subprefeitura, porque na realidade a Subprefeitura tem um acompanhamento mais dinâmico, porque está no território. A Convias não tem uma equipe muito grande, sei porque conheço a estrutura da Prefeitura, mas sei que tem uma responsabilidade compartilhada daqueles que estão no território do acompanhamento disso e eu acho que é assim que deve ser mesmo.

Mas preciso agradecer a todos que vieram, à Associação, agradecer muito à Enel, que tem sido uma parceira: sempre que solicitada vem, vem e traz a equipe toda, para a gente é um orgulho - agora nas mãos dos italianos, correto? Não? Só brasileiros, todos os brasileiros. Só tem dinheiro italiano, o resto é tudo brasileiro. Falaram que a sede vai mudar para Mooca, assim fica tudo em casa. Mas, brincadeiras à parte, preciso agradecer, seja na época em que era AS, com todas as dificuldades e críticas que a gente fazia e vocês nunca fugiram do debate, estavam aqui. A população reclamava e tem de reclamar mesmo quando o serviço não tem qualidade. A gente tem de reclamar, mas ser ativo na cobrança de soluções. Só reclamar não adianta. O que a gente veio fazer aqui não é reclamar do que foi feito não. A gente veio encontrar caminhos para fazer melhor.

Então não saiam daqui com a ideia de que a gente chamou vocês para reclamar. Ninguém quer reclamar de nada. A gente quer encontrar um bom caminho para ter melhores calçadas, melhor forma de aterramento. E se não for para aterrar e a recomendação é para não aterrar porque vai ficar pior, não vamos aterrar também, senão a gente fica imaginando que aterrar é a fórmula melhor e se não for a gente vai saber explicar para a nossa população que aqui, pelo volume que está passando, essa não é a melhor solução. Mas se a gente encontrar a solução técnica para fazer, vamos fazer.

Então vamos passar para a sociedade, talvez se a gente não tivesse esta audiência pública, se não fosse uma reunião que eu tive com o Bueno, no escritório dele, e que quando terminou a reunião ele disse: “Police Neto, você topa descer comigo para ver como estão as calçadas do nosso bairro?” Eu disse: lógico! E aí ele foi me mostrar isso. Ele me mostrou no dia, no dia seguinte eu peguei um conselheiro do CMTT, eu peguei um Conselheiro Municipal de Trânsito e Transporte, eleito pela região Oeste, falei: pode filmar e levar para o CMTT. Tem de levar lá para o Conselho de Trânsito e Transporte que as calçadas estão ficando assim e, portanto a gente pode ter uma consequência na circulação de pessoas.

Então, encerro a minha participação agradecendo a todos vocês. Acho que a gente vai encontrar bons caminhos, mas a gente só encontra bons caminhos quando tem a sociedade nos cobrando. O Adalberto me cobrou, a gente desceu, circulou e, no dia seguinte, fui com a equipe e um pouco do que a gente está fazendo aqui é a consequência disso. Tem de cobrar, tem de criticar, mas temos de encontrar soluções juntos. Se não, não valeu a pena.

O SR. ADALBERTO BUENO NETTO – Muito obrigado e parabéns pela condução dessa nossa conversa, nesta audiência. Também quero agradecer aos meus companheiros da Colméia que estão presentes: João Dutra, Arquiteto; Ronaldo, especialista em telecomunicações, tem uma grande empresa, no bairro, de implantação de sistemas; a Nana, nossa Diretora e faz tudo para essa Associação.

Nós temos mais de 40 membros de empresas inscritas e realmente nos surpreendemos, porque nós tínhamos uma amostra de uma solução para Santo Amaro que era

justamente como a solução que tínhamos. E fomos surpreendidos por essa obra que realmente não nos agradou.

Então acho que estamos aqui para encontrar uma solução, para que isso não se repita. Acho que não seja um bom exemplo. Eu também, assim como o Police, nunca tinha visto uma solução como essa. Nós temos empreendimentos grandes e cada vez mais o compartilhamento é total. Estou fazendo um novo bairro na zona Sul e já sai com uma solução, com todas as telecomunicações, tudo enterrado, numa caixa única, quer dizer, eu acho que podemos trabalhar para ter uma melhor solução do que essa que está sendo encontrada. E me disponho até a colocar, da nossa parte, uma gerenciadora que também possa acompanhar os trabalhos técnicos, quando houver.

Muito obrigado. Obrigado a todos.

O SR. PRESIDENTE (José Police Neto) – Muito bem. É assim que a gente conclui a nossa audiência pública. Quero agradecer a presença de todos; agradecer, em especial, a quem nos acompanhou pelos mecanismos digitais, não teve a oportunidade de fazer uso da palavra, mas fiz questão de terminar a nossa audiência com a fala da sociedade, porque só existe este Parlamento, porque tem uma sociedade lá fora nos observando e nos cobrando posições mais críticas, mais ousadas do ponto de vista da utilização da nossa capacidade intelectual para melhorar a Cidade, e é isso que a gente vai quer fazer nos nossos trabalhos na Comissão de Política Urbana, Metropolitana e Meio Ambiente.

Agradecemos às nossas Procuradoras e à nossa Arquiteta, que nos acompanhou, e aos nossos dois fiéis escudeiros, que sempre estão com a gente: Batatinha e Cidão, muito obrigado por tudo que vocês fazem pela gente.

Boa noite a todos. Muito obrigado.